

Um espaço de oração na Época Moderna. O oratório particular: os usos. E também os abusos?

Um dos traços com que se costuma caracterizar os «tempos modernos», trazendo quase sempre à colação a «devotio moderna» – não discutamos o vago rigor da aplicação do conceito e da sua utilização nestas cronologias –, é a difusão da posse e utilização do livro de oração pessoal, quer seja de oração propriamente dita quer de meditação. Neste âmbito da piedade privada – não nos interessem aqui distinções do tipo de masculino / feminino, regular ou secular / leigo, grandes prelados ou senhores / baixo clero ou pequena nobreza, etc. – as investigações têm-se orientado, com êxito, para a determinação cada vez mais precisa quer do que se rezava ou lia quer do como se rezava ou lia quer ainda do quando se rezava ou do quando se lia... Curiosamente, o quanto – em páginas e tempo – se lia tem recebido menos atenção, apesar dos grandes directores espirituais não esquecerem conselhos nesse sentido. Bastará pensar nas orientações de um Juan de Ávila – «un poco»..., «un poquito»¹ – de um Baltasar Álvarez – «cada día un cuarto de hora por lo menos»²... – ou de um Fr. António das Chagas – «alguma lição»..., «huma hora»³... –, sempre atentos à pessoa do orante e às suas circunstâncias.

Por outro lado, neste campo da leitura espiritual entendida, nem que seja como ponto de partida, como oração, nem sempre tem sido possível precisar, com alguma sistematização, o onde se lia, se bem que a questão do lugar pode, muitas vezes, estar intimamente relacionada com o quando, quer dizer, com as circunstâncias de tempo traduzidas ou traduzíveis nesses momentos em que, já por obrigação já opção pessoal – o que, neste último caso, não invalida as possíveis orientações do possível director espiritual –, se lia. Um caso sempre recordável será a prática da leitura à mesa, circunstância em que o quando quase sempre implica um onde igualmente preciso – o refeitório, em que, normalmente, o ler se desdobrava também em ouvir ler, pois, neste caso,

¹ Juan de ÁVILA, *Epistolario in Obras Completas* (Ed., introd. y notas por Luis de Sala Balust), I, Madrid, 1952, 266 (Carta nº 1) e 304 (Carta nº8).

² Baltasar ÁLVAREZ, *Escritos Espirituales* (Introd. biográfica y edic. por Camilo M^o Abad y Faustino Boado), Barcelona, 1961, 409).

³ António das CHAGAS, *Cartas Espirituales*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1736, II, 58, 251 (Carta nº XVII e LXXXVI, respectivamente).

como é bem sabido, a leitura, geralmente em voz alta, envolvia o leitor propriamente dito e os seus ouvintes que, evidentemente, também eram leitores. Curiosamente também, muitas das notícias que se referem a este tipo de leitura quase sempre vêm dadas em função do ouvinte, já que era ele que, na perspectiva de quem informa, era o verdadeiro leitor, atribuindo, sem grande razão, aliás, ao leitor-emissor uma função puramente instrumental. Efectivamente, quando se afirma que os jesuítas liam no refeitório as cartas de Santa Catarina de Siena, por exemplo,... ou que o cardeal Cisneros lia... enquanto o barbeavam..., é desde a perspectiva do leitor-receptor que a notícia vem enfocada...

De todos os modos, como ficou sugerido, as informações bibliográficas sobre os lugares de leitura têm sido recolhidas um pouco ao sabor do encontro, algumas vezes accidental, da informação e fornecidas, muitas vezes também, incidentemente. Compreende-se que os resultados mais sistematizados provenham do âmbito eclesiástico, especialmente das ordens religiosas, âmbito em que regras, constituições, directórios procuravam regulamentar os tempos e os lugares da leitura. Conhecemos muito do que se lia, sabemos que se lia no coro, no refeitório, na cela, mas escapa-nos, muitas vezes, o que precisamente se lia no refeitório e o quando e o que se podia ler na cela... Há indicações que unem os franciscanos dos tempos de Fr. Lope de Salazar y Salinas nos meados do século XV aos jesuítas do tempo de S. Luís de Gonzaga no gosto de ler no meio da natureza⁴, mas nem sempre conhecemos a extensão de tal prática – se é que era uma prática –, o tipo de leituras que aí se faziam... Por outro lado, nem sempre é fácil perceber determinados momentos e respectivos lugares de leitura em muita dessa documentação. O que eram – e como eram e onde tinham lugar – as «colaciones» a que se refere algumas vezes Lope de Salazar como momentos de leitura e praticavam, com precisas leituras, as cistercienses de S. Clemente de Toledo à volta de 1331?⁵ De todos os modos, a leitura individual dispunha de um espaço privilegiado no quadro da vida monástica: a cela, e o *amor cellae*, como sinal de recolhimento e interiorização, é um traço que, de S. Bernardo a Kempis – esqueçamos aqui os seus epígonos renascentistas, como um Francisco de Osuna no *Tercer Abecedario Espiritual* (IX, 4) ou um Heitor Pinto na difundidíssima *Imagem da Vida Cristã* (II, 3) – deve caracterizar o religioso e, conseqüentemente, as suas reformas...

⁴ P. LETURIA, *Lecturas ascéticas y lecturas místicas entre los jesuitas del siglo XVI* in *Estudios Ignacianos*, Roma 1957, 269 - 331(320).

⁵ Pedro CÁTEDRA, *Lectura feminina en el claustro (España, siglos XIV-XVI)* in *Des femmes et des livres. France et Espagne, XIV^e - XVII^e siècles*. Études réunies par Dominique de Courcelles e Cármen Val Julián, (Études et Rencontres de l'École de Chartes, 4), Paris. 1999, 9 - 53 (15); José Adriano de Freitas CARVALHO, «Nobres leteras... Ferosos volumes...». *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*, Porto, 1995, 16.

Se, porém, abandonarmos o âmbito das ordens religiosas e passarmos ao campo dos leigos as dificuldades são acrescidas... E não valerá a pena imaginar, para a Península Ibérica dos fins do século XV e do do século XVI, que, pelo menos os grandes senhores e as grandes damas teriam, à imitação de um Leonelo de Este..., de um Federico de Montefeltro... ou de uma Isabel de Gonzaga, o seu *studiolo*⁶... Galerías de *mirabilia* e de pintura, por muito que, alguma vez, também se reclamassem do *otium cum litteras*⁷ que Petrarca reelabou, em *De Vita solitaria*, em sentido de vida contemplativa no século, não eram, propriamente, os aposentos de recolhimento e meditação que se quiseram esses primeiros modelos de *studiolo*..., e as bibliotecas – as dignas desse nome, evidentemente – nem sempre foram, como nos poderia parecer hoje, lugares de quieta leitura, já que a sua função de prestígio social as destinou, muitas vezes, a lugares de convívio académico⁸...

Há, porém, um outro espaço de oração que, especialmente, no quadro da piedade no mundo, merece ser relevado: o oratório particular, entendido, evidentemente, como espaço onde se orava e não, como poderia pensar-se, num sentido, ao parecer, mais tardio, a maquinação com pintura(s) ou escultura(s) devotas. Fruto, ao parecer, da transposição desses ideais monásticos para a vida no mundo – um ideal que atravessa tanta da literatura de espiritualidade nos primeiros tempos modernos –, a sua existência – e, sobretudo, as suas modalidades – é, pela própria intimidade de que se reclama – por vezes, mesmo invisibilidade a estranhos –, um espaço ainda difícil de documentar para estes tempos. Lastimemos que Filipe II não tenha mandado fazer perguntas sobre eles no tempo das suas *Relaciones*... No entanto, a esse espaço, como lugar de oração e não de culto, aludem, exigindo-o ou recomendando-o muitas vezes, alguns autores espirituais, como por exemplo, um Juan de Ávila. É este espaço – da sua variável existência às suas funções – que tentaremos reconstituir através de alguns exemplos colhidos nas páginas de alguns desses autores. Uma documentação de carácter literário, mas que, por vezes, nos permite aproximar à estrutura da arquitectura de interior dos espaços em que se integravam.

Para as suas origens, ideológicas, pelo menos, poderíamos partir, como em tantas outras coisas, de um carta de S. Jerónimo... Efectivamente, escreve a Celantia:

⁶ Olga RAGGIO, *Les cabinets-studioli in Histoire Artistque de l'Europe - La Renaissance* (direct. De Jean Delumeau et Donald Lightbown), Paris, 1996, 213-217; Adalgisa Lugli, *Naturalia et mirabilia. Il collezionismo enciclopedico nella wunderkammerern d'Europa*, Milano, 1993, 37-60.

⁷ Miguel MORÁN- Fernando Checa, *El coleccionismo en España*, Madrid, 1985, 194.

⁸ Basta recordar que em 30.7.1649 informava o marquês de Niza, D. Vasco Luis da Gama, a D. Vicente Nogueira que, por esses dias, esperava começar «a ter nesta minha livraria hũa academia de homens doutos...», sem esquecer que nela também se jogava à noite... , actividade que já tinha cessado em em 28.4.1650. Conf. José Ramos COELHO, *O primeiro marquês de Niza. Notícias por...*, Lisboa, 1903, 37, 51.

«Ita habeto domus sollicitudinem, ut aliquam tamen vacationem animae tribuas. Eligatur tibi oportunus et aliquantulum a familiae strepitu remotus locus, in quem tu velut in portum quasi ex multa tempestate curarum te recipias et excitatos foris cogitationum fluctus secreti tranquillitate componas. Tamtum ibi sit divinae lectionis studium, tam crebrae orationum vices, tam firma et pressa de futuris cogitatio, ut omnes reliqui temporis occupationes facile vacatione compenses...»⁹.

Independentemente da matriz que este texto possa ter constituído na elaboração, tantas vezes oblíqua, da espiritualidade da *mater familias* ao longo da Idade Média, interessa-nos, muito especialmente, aqui, porque dele parte, como veremos, S. João de Ávila para aconselhar a D. Sancha Carrillo o modo de viver retirada em casa de seus pais. E, como se sabe, também como Asela, a dirigida do Apóstolo da Andaluzia, «solitudinem puteret esse delitias, et in urbe turbida inveniret heremum monachorum...»¹⁰.

Antes, porém, não será inútil recordar alguns elos desta longa cadeia de mil anos que na Espanha do século XV poderão ajudar a constituir a tradição mais próxima quer da exigência da sua existência teórica quer da sua consagração como lugar ideal de oração quer ainda da sua existência real e das suas funções.

Mesmo se Isabel de Villena († 1490) escreveu a sua *Vita Christi* para as suas clarissas de Santa Trinidad de Valencia, as referências que faz à vida da Virgem Maria depois de partidos os Apóstolos após o Pentecostes, são interessantes para o nosso ponto de vista. Com efeito, escreve Soror Isabel,

«com, partits los sancts apostols, la mare de Deu stigue en una caseta, e ab summa devocio hoya tots jorns missa la cual li deya lo glorios sanct Joan... Restà la senyora, apres la partida dels apostols en una celleta molt prop del cenacle, hon se era retreta par apartar-se del gran brogit de la moltitud de aquells que cada dia venien a la conversio de christianisme, los quals tots se ajustaven en lo dit cenacle. E al costat de aquella celleta hon stava la mare de Deu, havia una capelleta hon stava el glorios sant Joan, e alli celebrava missa [...] E, acabada de hoir la missa, sa senyoria tornava en la sua celleta, e aqui, tornant a ruminar lo que en missa havia sentit dels divinals secrets, et continuant sus devotissimes contemplacions, passava fins al mig dia...»¹¹.

Embora Santa Maria, pela sua posição privilegiada de mãe do Filho de Deus, possa ser, como sempre foi, apresentada como modelo de perfeição religiosa, especialmente feminina, consagrada *sub voto*, pela sua vida no mundo

⁹ S. JERÓNIMO, *Cartas* (ed. bilingue. Introd., versión y notas por D. Ruiz Bueno), Madrid, 1962, II, 842-843.

¹⁰ S. JERÓNIMO, *Cartas*, ed. cit., I, 213 (*Ad Marcellam de vita Asellae*).

¹¹ Isabel de VILLENA, *Vita Christi*, CCLXXV, (ed. de Josep Almiñana Vallés), Valencia, 1992, II, 790.

também o pôde ser da vida perfeita da mulher no século... E desde esta ambivalência, parece ser possível aceitar que Soror Isabel transferindo o quadro ideal da vida religiosa dos seus dias – das práticas aos lugares e aos tempos – para o ideal de vida perfeita no século que praticava Maria nesses dias depois do Pentecostes, acaba por propor o seu modelo «monástico» como modelo de vida perfeita no mundo... De todos os modos, o que aqui interessa sublinhar é essa *caseta*... , essa *celleta* em que vivia e onde se recolhia para meditar *sa senyoria* Santa Maria... A pequenez da casa não sublinhará apenas a pobreza de Maria, mas também o seu recolhimento, aliás, por outro lado em quadrado pela sua situação em lugar afastado do bulfício que, naturalmente, causavam essa tanta gente que se convertia... E a abadessa clarissa faz-nos notar que essa *celleta* era precisamente um lugar de oração – um oratório – e não propriamente um lugar de culto, já que a este ía a Virgem ouvir «missa» e na sua «celleta» meditava «lo que en missa hava sentit dels divinals secrets»... Assim deveriam proceder quer as religiosas quer, antes de mais neste caso, as mulheres que vivendo no século tinham de sair de casa para ir ouvir missa? Não custa aceitar que assim fosse..., mormente aquelas que, vivendo «recolhidas» em pequenas comunidades, eram conhecidas por «beatas»¹².

De certo modo, é a esta prática ideal que aponta Fr. Hernando de Talavera, ainda prior de Santa Maria del Prado, na sua *Avisacion a la virtuosa y muy noble señora doña Maria Pacheco condessa de benavente de como deve cada dia ordenar y ocupar para que expienda bien su tiempo; hecha a su instancia y peticion...*, escrita, muito provavelmente, entre c. 1466 – data em que D. Maria Pacheco casa com Rodrigo Pimentel, IV conde de Benavente – e 1473 – data em que D. Rodrigo foi criado primeiro duque de Benavente. mas sempre antes de 1486, ano em que Hernando de Talavera foi elevado a bispo de Ávila:

« En el tiempo de invierno [...] vos deveis levantar a las ocho que son ya dos horas del día Ataviada vuestra persona, vuestra primera ocupacion sea rezar prima, terciá sexta y nona de las horas de nuestra señora que sin gran necesidad nunca las deveis dexar ; aparejen entre tanto el altar y lo necesario para que en dando las nueve vos comiencen dezir missa [...] Acabada la missa y quitado el altar deveis dar audiencia [...] Visitada la casa y tornada a vuestro estrado, den vos de comer, y este todo aparejado, que sera quasi al medio día [...] Levantada ya la mesa y bendicho nuestro señor tam bien al comiengo como al cabo, podeis entonce passar tiempo quanto media hora en alguna recreacion o de honesta y provechosa habla con alguna buena persona o de alguna honesta musica o de alguna buena lection, y esto seria lo mejor... (Depois dormir meia

¹² Naturalmente, estas pequenas comunidades possuiriam os seus oratórios, como recorda, para finais do século XVI, Francisco Javier LORENZO PINAR, *Beatas y mancebas*, Zamora, 1995, 20-21.

hora) ...Despertada del sueño a las dos despues de mediodía, deveis luego rezar bisperas y cumpletas de nuestra señora y las horas de defunctos si bastare la devocion, todo esto en un retrete, el mas quito de ruido que pudierdes aver; en el qual este vuestro oratorio tan limpio y tan compuesto que cada que en el entrardes vos de consolacion y combide a devocion [...] vuestra cena sea a las siete o a las ocho quando mas, y antes media hora vos retrahed al oratorio a rezar matines y laudes de nuestra señora...»¹³.

Será interessante anotar que para Fr. Hernando «el retrete» – aqui, o retirado – vem, explicitamente, exigido em função do silêncio – «el mas quito de ruido que pudierdes aver...» –, condição para o silêncio interior necessário ao recolhimento e, como parece deduzir-se das recomendações do então confessor de D. Maria Pacheco, nele não se celebrava a missa diária. Nem qualquer outra¹⁴, circunstância que, ao parecer, deverá manter-se ainda durante muito tempo. No entanto, se Isabel de Villena não dá qualquer indicação sobre a limpeza e arranjo – ou «compuesto» deverá conotar-se principalmente com adorno? – da «celleta» de Maria, apenas insistindo no retirado e solitário da sua «casetta», as outras exigências apontadas por Fr. Hernando parecem, porém, inaugurar, pelo menos ao nível do documento literário, um outro tempo que havemos de ver consagrado num dos oratórios do marquês de Almazán já nos fins do século XVI... Por isso, sempre poderemos perguntar-nos se a última exigência que formulava Fr. Hernando de Talavera – *tam compuesto* – que, em primeiro lugar, como sugerimos, parece ser conotável com a boa ordem, pelas conseqüências que deveria produzir – *que sempre dé consolación y combide a devoción* – não pressupõe, igualmente, um certo adorno.

De qualquer modo, esse oratório, isolado, assim *limpio* e *tam compuesto*, é, porém, antes de mais, um lugar de oração vocal – ao parecer, do *Officium Beatae Mariae Virginis* que, normalmente, nos «livros de horas» vinha seguido do «ofício de defuntos» – e, se bem lemos, não um lugar de leitura, entendamos aqui, de leitura de livros devotos que introduzisse à meditação. Tais notícias sugerem que, assim concebido, o oratório era um espaço que existia ou que deveria existir numa casa, ainda que, evidentemente, a sua existência possa apenas ser, por agora, documentável – e, se calhar, exigível do ponto de vista prático –, nas habitações dos grandes – damas ou senhores – do mundo de elevada formação e piedade. Compreender-se assim, facilmente, que venha a existir – ou tenha tido mesmo que existir – na morada de um Dr. Juan Díez

¹³ Citamos pelo *ms. b. IV. 26* da biblioteca de El Escorial, fl. 23r - 26r. Adéline RUCQUOI, XXXX

¹⁴ Fr. Hernando, quase no final da obra, pondera a este respeito: «Esta manera muy noble señora me parece assaz humana para expender cada un dia de los de entre semana, mas en los domingos y fiestas de guardar outra manera se deve en algo tener, como vuestra noble discrecion puede bien entender. Especialmente se deveria esforçar vuestra noble devocion a oyr missa mayor en algun devoto monasterio en los tales dias...», *Avisacion...*, fl. 26v.

Morales de Salcedo, cónego de Burgos, onde viviam recolhidas sua irmã D. Isabel de Salcedo e D. Elvira Álvarez para quem o P. Baltazar Álvarez, S. J., escreveu, em 1577, uma célebre «orden de vida» em que alude ao oratório onde deviam recolher-se logo depois de despertar¹⁵... Naturalmente, apesar dos seus pontos de contacto derivados da sua valorização da vida contemplativa, tais espaços, pela sua precisa função e pela sua simplicidade de estrutura e decoração, estavam longe de poderem conceber-se como *studiolo* – lembramos sempre dos de Isabel de Gonzaga e dos do duque de Urbino... –, ainda que, como se sabe, um dos de Federico de Montefeltro, o de Urbino precisamente, compreendesse não só uma livraria, mas também, em ubiquação simétrica, um oratório¹⁶. De todos os modos, se não sabemos – ou ainda não sabemos? – como, no afã construtor do século XVI e XVII¹⁷, se foi arquitectonicamente solucionando a ubiquação da exigência do oratório, parece aceitável admitir que, para além de todas as tradições, essa exigência de poder usufruir de um espaço íntimo e «especializado» para a oração, proporcional ao desejo cada vez mais «moderno» de ter casa própria, é mais que um luxo, uma evidente manifestação de um profundo apelo à interiorização. Um espaço que, nem sempre, terá sido para tal concebido, como parece sugerir a recomendação de Fr. Hernando de Talavera a D. Maria Pacheco – *el más quieto de ruido que pudierdes haver...* –, conselho que está a indicar que dentre todos os aposentos de sua casa teria a condessa que escolher o que mais se aproximasse desse ideal de quietação e recolhimento que o seu director assim lhe sugeria... Terá sempre sido o oratório um espaço improvisado?... Os testemunhos literários que analisaremos – um de cerca de 1527-1537, outro de 1579-1586 polarizados por duas mulheres (D. Sancha Carrillo, † 1537, e D. Luísa de Carvajal y Mendoza, † 1614), ainda que, em algum caso, com largas referências aos oratórios de um homem, D. Francisco Hurtado de Mendoza, marquês de Almazán, † 1592) e, ainda um de cerca de 1591, resultante das críticas de um pregador lisboeta – parecem continuar a sugeri-lo por muito tempo. Na aldeia cerca de Pamplona onde o marquês de Almazán passava algumas épocas da ano, como não havia «parte conveniente para oratorio, se hizo al cabo de un larguísimo corredor que cahia sobre las güertas de la casa...»¹⁸. E, como havemos de ver, é mesmo possível saber que em grandes casas chegou a haver mais do que um oratório... Não só o do senhor da casa e o de sua mulher – num plural que não indicará apenas uma repartição de espaços e serviços tão comum em príncipes e grandes

¹⁵ Baltazar ÁLVAREZ, *Escritos espirituales*, ed. cit., 408-409.

¹⁶ Adalgisa LUGLI, *Naturalia et mirabilia...*, ed. cit., 55.

¹⁷ J. A. MARAVALL, *Interés personal por la casa propia en el Renacimiento* in R. L. C., LI (1978) – *Hommage à Marcel Bataillon* –, 255 - 266.

¹⁸ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos* (Introd. y notas de Camilo M^a Abad), Barcelona, 1966, 169.

senhores (e, seguramente, em seus imitadores...) , mas também um reforço da interiorização –, mas ainda outros com diferentes funções.

Muito precisas – e, por isso, testemunho precioso – são as indicações que dá Juan de Ávila a D. Sancha Carrillo para a ensinar a arranjar – encontrar e, talvez mais que decorar, ambientar - um oratório.

Partindo daquela recomendação de S. Jerónimo a «una mujer casada», isto é, a Celantia, que já referimos, pondera a necessidade maior que tem de se recolher «la doncella de Cristo, que está libre de los mundanos cuidados, y que debe pensar que no vive para otra cosa sino para usar de la oración y recogimiento». Para tal – continua o Padre Ávila glosando o texto hieronimita –, la «doncella de Cristo» – que deve sair «lo menos que fuere posible»..., ser «enemiga de ver y de ser vista», conselhos em que ressoa também o «laudabile homini religioso, raro fora ire, fugere vider, nolle etiam homines videre» da *Imitação* (I, 20, 6) –, «debe buscar en su casa algún lugar escondido y secreto, en el cual tenga sus libros devotos, e imágenes devotas diputado para *ver y gustar cuan suave es el Señor*». En tal lugar «quieto» – el Maestro chama-lhe precisamente «oratório»¹⁹ –, especifica depois, deve Sancha Carrillo recolher-se «a lo menos dos veces al día» – uma pela manhã «para pensar en la sacra pasión de Jesucristo» e outra ao anoitecer «a pensar en el ejercicio del próprio conocimiento»²⁰. Frequentada, ainda que de começo possa ser custoso, virá a revelar que «en las celdas se tratan negocios del cielo, y que ningún rato de tanto contentamiento hay como el que allí en sosiego se gasta»²¹, conclusões que poco mais são que outra glosa de Kempis – «caela continuata dulcescit... Si in principio conversionis tuae bene eam [cela] incolueris et custodieris, erit tibi postea dilecta amica, et gratissimum solatium...» (*De Imitat.* I, 20, 5). Independentemente destas justificações, interessa sublinhar que Juan de Ávila propõe à sua discípula recolher-se em lugar bem retirado e secreto..., quieto..., onde possa ter os seus livros e imagens devotos... Neste lugar - além de oratório, chama-lhe também cela: «recogida em vuestra celda...»²² - deve «la doncella de Cristo» permanecer o mais tempo que lhe for possível, lendo – deve começar por tomar «algún libro de buena doctrina» e ler «no con pesadumbre, ni pasando muchas hojas, mas alzando el corazón a nuestro Señor»²³ –, meditando, rezando «algunas devociones», para depois se meter «en lo más dentro de vuestro corazón» imaginando «que estáis delante de la presencia de Dios, y que

¹⁹ Juan de ÁVILA, *Avisos y reglas cristianas sobre aquel verso de David: Audi, Filia* (Introd. y edición de Luis Sala Balust), Barcelona, 1963, 143 (Citaremos sempre por *Audi, Filia*).

²⁰ Juan de ÁVILA, *Audi, Filia*, 143-144.

²¹ Juan de ÁVILA, *Audi, Filia*, 143.

²² Juan de ÁVILA, *Audi, Filia*, 167.

²³ Juan de ÁVILA, *Audi Filia*, 144.

no hay más que de él y vos»²⁴ ..., conselhos que, do nosso ponto de vista, poderiam sugerir que, superlativando o recolhimento que vem propondo, o coração tem de ser uma cela de amor dentro de outra cela.

Felizmente, sabemos como D. Sancha Carrillo (†1537) realizou (c.1527) estes conselhos. Segundo seu irmão, D. Pedro Fernández de Córdoba, na breve *Vida* que de sua irmã escreveu²⁵. Exigindo que, se não queriam que professasse, teriam seus pais que proporcionar-lhe «un cuarto en casa tan apartado de todos que pareciese a ella estar muerta y debajo de la tierra»²⁶, acabou por realizar o seu ideal de um modo que a nós, não sabemos se a ela também, nos pode parecer muito mais próximo à ideal «caseta» de Maria imaginada por Soror Isabel de Villena que ao «lugar escondido y secreto» que indicava Juan de Ávila: uma casita junto à de seus pais, com dois aposentos, um oratório e um patio onde estavam as talhas «adonde, cuando llovía, cogía agua y de allí bebía»²⁷. Se seguiu, como em tudo procedia, as recomendações do seu director nesse oratório tinha «imágenes devotas», ainda que não sabemos exactamente se teria mais que o crucifixo diante do qual sempre orava. Estaria essa imagem esculpida com o realismo que lhe evocava o seu mestre – «los cabellos pegados y enrubiados con su propia sangre, la sagrada barba arrancada, las mejillas bermejas con bofetadas»?²⁸ Ou teria aquele ar tão cansado «com un rostro piadosíssimo» com algumas vezes lhe se apareceu?²⁹ Não sabemos. Sabemos, porém, que não era no oratório que estavam os seus livros, já que, de acordo com as recordações de seu irmão, as «dos docenas de libros espirituales y santos» que possuía estavam à cabeceira da cortiça que lhe servia de cama³⁰ ... De todos os modos, há que vê-la a lê-los, «con el corazón devoto y recogido», no seu oratório, centro, seguramente, da sua «caseta».

As referências de D. Luisa de Carvajal aos oratórios dos marqueses de Almazán – D. Francisco, seu tio, e de D. Maria de Cárdenas, sua mulher – são de muito interesse, pois permitem, até certo ponto, perceber como, face a situações concretas, se ia resolvendo essa exigência de encontrar no espaço interior de uma casa nobre um lugar próprio - apartado..., quieto... – para a oração.

²⁴ Juan de ÁVILA, *Audi, Filia*, 145.

²⁵ Pedro FERNÁNDEZ DE CÓRDOBA, «*Vida de Doña Sancha Carrillo*», *Discipula del Mtro. Ávila, escrita por su hermano Don Pedro Fernández de Córdoba* in Juan de Ávila, *Audi, Filia*, (Apéndice I), ed. cit., 279 - 305.

²⁶ Pedro FERNÁNDEZ DE CÓRDOBA, «*Vida de Doña Sancha Carrillo*», ed. cit., 290.

²⁷ Pedro FERNÁNDEZ DE CÓRDOBA, «*Vida de Doña Sancha Carrillo*», ed. cit., 290.

²⁸ Juan de ÁVILA, *Audi, Filia*, ed. cit., 183.

²⁹ Juan de ÁVILA, *Audi, Filia*, ed. cit., 292, 296.

³⁰ Pedro FERNÁNDEZ DE CÓRDOBA, «*Vida de Doña Sancha Carrillo*», ed. cit., 290.

Quando D. Francisco Hurtado de Mendoza, nomeado vice-rei de Navarra em 1579, se instala no palácio governamental de Pamplona, encontrou modos – ele que, segundo D. Luisa, «gustaba mucho de hacer grandes penitencias, ordinarias y aun muy extraordinarias» e «era sabio y muy docto en la Sagrada Escritura y Santos Doctores y materias místicas»³¹ – de poder dispor de vários oratórios, apesar do palácio possuir uma capela atendida por vários capelães e sacristães³², o que parece continuar a indicar que o oratório era concebido, como sublinha a tradição que vimos seguindo, um lugar de oração pessoal. Um espaço íntimo também, que se opunha à publicidade – oficial e litúrgica – da capela. Veremos como esta oposição, com algum matiz, volta a revelar-se na casa senhorial de Almazán.

Um deles, e, ao parecer, o principal, «estaba [...] aquel verano, junto a una sala fresca, donde él cenaba» – era a antecâmara dos aposentos da marquesa³³ – e a ele se recolhia D. Luisa, todas as noites, depois de jantar, a orar – a sua devoção preferida era, por esses anos, a meditação nos sete derramamentos de sangue de Cristo –, gesto que «gustaba tanto de ello el buen señor, que la noche que [ella se] detenía, él [la] mandaba ir»³⁴. Não parece, porém, fácil determinar o sentido de uma expressão como «aquel verano». Uma recordação do verão de 1579 – tinha então D. Luisa 13 anos –, o primeiro que o marquês e sua família passaram em Pamplona? Ou uma alusão à passagem desse oratório para outro aposento depois de passado aquele verão? Ao lado ou muito perto do oratório estava o aposento com os seus livros³⁵, o que, uma vez mais, nos indica que a leitura espiritual não era feita no espaço dedicado à oração. De qualquer modo, o carácter provisório da sua instalação parece sempre evidente. É possível que seja este – neste lugar ou noutro – o oratório a que se refere, mais tarde, Luisa de Carvajal – então com 15 anos (1581) – em que o marquês «tenía su oración más de ordinario»³⁶ e que, por isso, D. Luisa cuidava com maior atenção. Para ele, sobretudo quando estava ausente o seu tio – a sua presença fazia-a totalmente dependente do seu tio, dependência que ela lhe tributava com respeito e admiração e que, muitas vezes, ele, como que de uma obediência religiosa se tratasse, exigia – fazia flores, porque, como já sugerimos, estava a seu cargo o seu adorno. Como oratório preferido, o marquês «gustaba de tenerle curioso» e, comenta ela, «dábame no poco que hacer en todo el año esta ocupación, porque en las fiestas, chicas o grandes, había de poner frontales, doselillos y tafetanes de los colores que la Iglesia usa». Além

³¹ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 151.

³² Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 168.

³³ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 185.

³⁴ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 152 - 153.

³⁵ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 185.

³⁶ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 168.

disso, «en las grandes fiestas, gastaba cuatro o cinco días en componer altar y altarcicos, con muchos arcos de flores y guirnaldas, y volantes listados, y curiosidades, procurando que no se pareciese el adorno de una fiesta al de las otras»³⁷. Sabemos que este oratório tinha velas no altar mor e ainda «un corcho en que él se hincaba de rodillas o ponía los pies en invierno» e em que, muitas vezes, para ouvir as práticas do tio se sentava D. Luísa³⁸. Não nos interessa aqui sublinhar essas «curiosidades» a caminho da «barroquização» do oratório, mas, sim, destacar que, além do altar principal, tinha ainda outros altares mais pequenos – «altarcicos», mais do que a sua pequenez poderá traduzir uma visão afectuosa – e que tudo nele estava ritmado – o que não deveria ser uma regra – pelo calendário litúrgico, ainda que não fosse lugar de culto. Pelo menos, D. Luísa nunca o assinala. E ela própria nos indica que nos «días solemnes y fiestas de santos», a marquesa, suas filhas e ela própria assistiam «a los divinos oficios en las iglesias de la advocación de las fiestas o monasterios, todo el entero año, con puntualidad»³⁹. Por tudo isto, quase diríamos que as recordações de Luísa de Carvajal acerca do adorno desse oratório podem mesmo sugerir uma sua devota emulação com os capelães e sacristães encarregados da capela do palácio, da qual, aliás, curiosamente, nunca vem recordada a sua utilização... E a própria D. Luísa poderá mesmo estar, indirectamente, a insinuar tal sugestão quando diz que no adorno da capela, função dos que dela estavam encarregados, «[ela] nunca [se] metía»⁴⁰ ... É, contudo, uma pena que esta jovem sacristã que, muitas vezes, não podia acompanhar as suas primas no recreios, porque – justificava o marquês –, «había frontales que mudar en su oratorio»⁴¹ ..., não nos tenha deixado qualquer indicação sobre as imagens que nele existiam. Seria uma boa pista para nos acercarmos um pouco mais à piedade que cruzava os espaços do palácio no tempo desse vice-rei, grande devoto da Companhia de Jesús.

Naturalmente, como nos teremos dado conta, este oratório não é o oratório de Luísa de Carvajal – é o espaço de oração íntimo que organizou o seu tio, o marquês de Almazan –, e, por isso, ainda que, através das alusões ao seu adorno, possamos colher alguns traços da sua personalidade, não parece legítimo compará-lo com o de D. Sancha Carrillo. Não é apenas uma questão de personalidades, mas, principalmente de vocação, pois Sancha Carrillo, desde cedo, quase da idade de Luísa por estes anos, optou decididamente por uma vida de clausura quase eremítica, ao passo que Luísa de Carvajal vive no mundo e ainda, por estes dias, não tinha fixado a sua vocação. E também uma questão de

³⁷ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 168.

³⁸ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 186.

³⁹ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 181, 165.

⁴⁰ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 168.

⁴¹ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 168.

diferenças do «tempo» cultural entre 1527 e 1581... A ser legítima qualquer comparação teria de ser feita entre este oratório com as suas imagens..., as suas flores..., os seus frontais... os seus «volantes listados»... e outras «curiosidades» e os que ela, pobre missionária clandestina e desamparada em Londres, vai procurando, secretamente, erguer e adornar com muitas flores e onde recolherá, sempre que possível, os corpos dos que vão morrendo pela fé donde saem para receber sepultura católica, não sem antes deles ter recolhido as respectivas relíquias⁴²...

Em Pamplona – o espaço do palácio assim o permitia –, além do provável oratório da marquiza a que teremos que aludir, tinha ainda o marquês de Almazán outro «oratorio muy conviniente y secreto»⁴³ onde D. Luisa era disciplinada por ordem do marquês pela mão de «una persona muy sierva de Dios» – Juana de seu nome⁴⁴ – que, apesar de ser de «suficiente espíritu, secreto y cordura», muitas vezes exagerava no «señorio» e no número de golpes e nas humilhações, a ponto da sua severidade escandalizar a outra das pessoas encarregadas de lhe propinar as disciplinas⁴⁵. Nada mais sabemos deste oratório e nem sequer sabemos se é o mesmo que o outro «oratorio bajo muy secreto» onde muitas vezes era também disciplinada⁴⁶, mas podemos assegurar que havia ainda aquele «último oratório pequeño que estaba al cabo» de uns aposentos do palácio e por onde – recorda D. Luisa – mandava o marquês que «me llevasen desnuda y descalza, con los pies por la tierra fríisima, com una cofilla en la cabeza que recogía el cabello solamente, y una toalla por la cintura, una soga a la garganta, que algunas veces era hecha de cerdas de cilicios, y otras de cáñamo, y atadas las manos con ella». Era neste oratório – «una habitación cerrada y fuera del concurso de la casa, y parte muy secreta» – que, outras vezes, era Luisa de Carvajal cruelmente disciplinada⁴⁷, duramente calcada⁴⁸ e até esbofetead⁴⁹. Poderíamos ainda apontar, ainda que dele nada saibamos, o oratório próximo do quarto de dormir onde, de noite, acordando-a de surpresa, a levava Juana para a disciplinar e calcar, penitências que acompanhava «no sé

⁴² Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Epistolario y poesías*, Madrid, 1965, 346: «Recibimolas [las reliquias de estos últimos mártires] en el primero aposento de la puerta yo y mis compañeras, en procesión, con cruz y candelas encendidas y muchos ramos y flores que teníamos esparcidos en todo el camino hasta nuestra capilla que llamamos oratorio, do había muchas luces y flores...» (Carta nº 138, a Don Rodrigo Calderón, 21.6.1612).

⁴³ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 162.

⁴⁴ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 184.

⁴⁵ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 184, 185.

⁴⁶ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 184.

⁴⁷ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 182, 183, 184.

⁴⁸ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 185.

⁴⁹ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 183.

con que palabras de menosprecio»⁵⁰. Estes múltiplos oratórios, espalhados pelo palácio vice-reinal de Navarra – muitos deles nos fundos térreos da casa, como o sugerem as referências de Luisa à «tierra fria»⁵¹ ..., «terra friíssima»⁵² ... –, mais que lugares de oração, parecem ter sido lugares de violentas práticas ascéticas – talvez, por isso, nada sabemos acerca da sua decoração – que a piedade tremendista do marquês de Almazán foi espalhando pelos locais que, para tais práticas lhe pareciam apropriados. Por algo, a eles se refere, algumas vezes, D. Luisa como «secretos» ou «muy secretos».

O marquês de Almazán passava «algunas primaveras y parte del verano» numa «aldea a dos leguas de Pamplona de lindos campos y güertas». Nessa casa, que, ao parecer, não seria tão espaçosa como o palácio de Pamplona, apesar de possuir um «larguísimo corredor que daba sobre las güertas» – o que pode sugerir a sua grandeza –, «porque no había parte conveniente para oratorio», foi este organizado ao fundo desse mesmo corredor⁵³. A referência é importante na medida em que nos confirma o carácter improvisado – e, se calhar, tantas vezes, provisório – da ubicação desses lugares de oração. Dele nada mais conhecemos que essa prova de pavor que venceu com a insistência de seu tio – quem, aliás, «[la] probaba en estas cosas de miedo, enviando[la] sola a partes oscuras»⁵⁴ – e uma disciplina de meia hora que nele tomou⁵⁵.

Não é fácil decidir se a marquesa de Almazán tinha oratório próprio em Pamplona, já que a autobiografia de D. Luisa, escrita muito depois, parece sobrepor espaços e tempos. Efectivamente, se alguma vez, somos levados a crer que a disposição dos aposentos da marquesa era simétrica à de seu marido – um oratório e um aposento de leitura⁵⁶ –, em outros momentos diríamos estar o oratório de D. Maria de Cárdenas no seu quarto⁵⁷ e, neste caso, seria um aposento interior, pois nele deixava o marquês, quando tinha de sair, D. Luisa encerrada e levando a chave consigo... Porém, em alguma ocasião, D. Luisa diz-nos que o marquês a deixava encerrada «en el oratorio que él [...] tenía» nos aposentos da marquesa⁵⁸... De qualquer modo, este oratório, do qual apenas sabemos que servia não só para resguardar D. Luisa de contactos que o marquês

⁵⁰ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 185.

⁵¹ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 182.

⁵² Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 185.

⁵³ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 169.

⁵⁴ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 170 - 171.

⁵⁵ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 170.

⁵⁶ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 185.

⁵⁷ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 171.

⁵⁸ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 164.

não controlasse⁵⁹, mas também para, como vimos, a provar em «cosas de miedo», seria apenas mais um nesse universo palaciano povoado de espaços de oração e penitência...Um universo que, apesar da sua piedade, D. Maria de Cárdenas - de «desabrida y ápera condición»⁶⁰, mas excelente administradora e «procuradora de pobres»⁶¹ – não fazia seu, pois, apesar de ser «muy penitente, devota », «no se aplicaba a exhortar a estas cosas [altas penitências e alta oração] ni a más que lo tocaba a ser mujeres honradas y cuerdas»⁶²..., o que, evidentemente, não quer dizer que não utilizasse o seu oratório, ou, mais provavelmente, o do seu marido.

Em 1586, terminado o seu o vice-reinado, passou o marquês a Madrid, deixando a sua família em Almazán. A casa familiar tinha, no pátio - logo, independente da casa? -, uma capela «llena de reliquias de santos»⁶³ – lastimemos que também nada nos diga sobre elas -, mas, estranhamente, dada a condição do seu senhor, não possuía oratório. Nunca saberemos se tal situação se deverá à ausência do marquês ou à falta concreta de condições da arquitectura interior do edifício. De qualquer modo, havia «una tribuna en casa que caía a la parroquia de San Miguel, do estaba el Santísimo Sacramento; y ibase a ella por un largo pasadizo muy antiguo que decían los alarifes que se estaba cayendo...»⁶⁴. Dadas estas condições, facilitavam-lhe a chave, e a tribuna, longe e isolada – «raramente quería nadie de la casa ir allá a missa ni a nada, sino yo solamente» –, convertía-se em oratório, com a insuperável vantagem de «hallar [se] a solas allí en la tribuna en la divina presencia del Santísimo Sacramento, [le] era de notable regalo y consuelo»⁶⁵. Naturalmente, porque a reverência do lugar e o pudor lhe impediam tal prática, D. Luísa não faz referência a que aí tomasse as «suas bien ásperas disciplinas» que, contudo, como em Pamplona, continuava. Era apenas um lugar de oração, não improvisado do ponto de vista arquitectónico, mas, sim, do dessa busca de solidão e intimidade que caracterizava o verdadeiro oratório. Por isso, compreendemos bem que pudesse escrever que «la soledad era grande y cosa devotísima para mí»⁶⁶. E se sabemos que nesses oratórios D. Francisco Hurtado de Mendoza «tenia [oração] tan fervorosa que daba muchas veces voces en ella, y a veces tantas lágrimas que, según él [...] decía, temía cegar presto» - «debían

⁵⁹ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 165.

⁶⁰ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 147, 166.

⁶¹ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 165.

⁶² Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 165.

⁶³ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 193.

⁶⁴ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 191.

⁶⁵ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 193.

⁶⁶ Luísa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 193.

ser muy ardientes», comenta D. Luísa⁶⁷ –, y que, sob a sua direcção – que também implicava estreito controle⁶⁸ –, Luísa procurava ter «una hora de oración mental cada día» sobre «algún paso de la Pasión, por la myor parte; y otras veces la gastaba en meditación de la muerte, pecados, juicio e infierno⁶⁹», ignoramos se esses tempos de oração eram «metódicos», isto é, se o «relojillo de arena de cuartos» que possuía e utilizava para controlar o tempo das disciplina⁷⁰, era também usado para marcar o ritmo do seu tempo de oração. E convirá não esquecer que o P. Baltasar Álvarez recomendava a sua irmã e a D. Isabel de Salcedo que qualquer delas «entrando en el oratorio, tomará agua bendita, y pondrá el reloj de arena para señal de la hora...», antes de mais, desse quarto de hora de leitura espiritual que ele lhes aconselhava logo de manhã⁷¹. Curiosamente, nunca vemos o marquês de Almazán ou a sua sobrinha tomar água benta ao entrar no oratório... Não haveria?

Independentemente da pertinência destas questões e da nossa ignorância para lhes responder, o que interessa anotar, ao lado da sua quase constante provisionalidade, é a «construção» pessoal desse espaço de oração íntimo e – porque não? – acessível, e, assim, como pode deduzir-se dos testemunhos invocados – especialmente dos conselhos de Baltasar Álvarez a sua irmã e a D. Isabel de Salcedo –, tornava mais fácil, por mais próximo e mais imediato, o recolhimento. Desde este ponto de vista, era também, portanto, uma comodidade que, como estas dirigidas do célebre jesuíta, aproveitará também D. Leonor de Noronha, marquesa de Niza, que, como escrevia o seu marido a D. Vicente Nogueira que em Roma comentava, com o P. António Vieira, as austeridades da marquesa, «todas as tardes que [podia gastava] com as freiras da Madre de Deus», em Xabregas, «e todos os dias no oratório quatro horas ao menos».⁷²

O testemunho seguinte, um pouco mais tardio, dir-se-ia, porém, levar-nos para um tempo em que o oratório, mais do que um lugar de oração íntimo, parece representar, sobretudo, uma comodidade. Com efeito, num sermão pregado em Lisboa na quaresma de 1591, Fr. Pedro Calvo, O.P., criticando «profanos e sacrílegos que nos lugares santos e dedicados a seu serviço fazem cousas tão indecentes, que por a gravidade dellas [se não atreve] a dizellas», confessa: «Só vos direi o que vi pelos meus olhos, achando-me a caso em a sala de hü nobre. Estava nella hum almario grande com duas portas que se abrião e dentro hum altar; ali, diante de mim, se disse missa. Acabada ella se fechou o

⁶⁷ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 186.

⁶⁸ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 158.

⁶⁹ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 157, 152.

⁷⁰ Luisa de CARVAJAL Y MENDOZA, *Escritos autobiográficos*, ed. cit., 170.

⁷¹ Baltasar ÁLVAREZ, *Escritos Espirituales*, ed. cit., 409.

⁷² José Ramos COELHO, *O primeiro Marquês de Niza*, ed. cit., 47.

almario. Entrei pera dentro a tratar do negocio a que hia; quando voltei pera fôra, achei na sala os filhos jugando a húa parte e os lacaios à outra. Dey ays de sentimento, por ver a pouca reverencia que se tinha a húa casa santificada e consagrada pela presença de Deos. O ide, ide ao templo, pois lá foi Christo, e não teve oratorio...»⁷³. As alusões do pregador, preciosas pelo que nos revelam sobre a configuração e ubiquação do oratório, são igualmente muito importantes pelo que nos deixam transparecer da sua generalização em casa nobres. E se a estas considerações juntarmos a citação, igualmente crítica, de Oleastro (o seu confrade Fr. Diogo de Azambuja) retirada do seu *In Isaiam prophetam commentarii* (Paris, 1622) – citado em latim e logo traduzido⁷⁴ – confirma-se nos imediatamente o que acabamos de sugerir. Efectivamente, diz Oleastro, na tradução de Pedro Calvo, «ay, e muitas vezes ay, que prevalece em nossos tempos entre christãos, mayormente nobres, hum costume, ou pera melhor dizer, abuzo, que querem muitos ter em casa seus oratorios, e igrejas, em que se diz missa, por não irem ao templo». «E – continua o pregador – chega este mal a tanto, que ainda nas festas e Páscoas principais buscão invenções, pera nem nesses dias irem a elle, morando na mesma cidade, e tão perto»⁷⁵. E, previne o pregador, não vale a pena argumentar com a permissão do Concílio Tridentino⁷⁶, pois, essa autorização exige que o lugar seja apenas dedicado ao culto divino e «dis ainda que vos amoeste que vades muitas vezes às vossas parochias, ao menos aos domingos e nas mayores festas, e vós nem nesse quereis lá ir, e como já temos dito, avendo de ser o lugar só dedicado ao culto divino, ay de muitos que o convertem em uzos profanos»⁷⁷. O exemplo que, de início, tinha recordado o pregador destinava-se a ilustrar, uma vez mais, as últimas críticas...

Os magros testemunhos estudados poderiam permitir sugerir que o oratório, de aposento íntimo destinado ao recolhimento e oração – de S. Jerónimo a D. Luisa de Carvajal – deverá, pelos anos finais do século XVI, ter passado a ser visto também como um simples móvel, de dimensões variáveis, contendo um altar – mais tarde, chegou a identificar-se com uma simples

⁷³ Pedro CALVO, O.P., *Homilias da Quaresma em duas partes divididas...* Lisboa, 1627, I, 431.

⁷⁴ Tendo sido o sermão pregado na 2ª Sexta-feira da Quaresma de 1591 na «Capella del Rey», segundo a notícia aposta no início, não se vê muito bem como possa ter Fr. Pedro tido acesso ao texto de Oleastro, cujo comentário a Isaias só veio a ser publicado em 1622. Poderá, porém, sugerir-se que a citação representa uma reelaboração posterior do texto pregado destinada à publicação em 1627.

⁷⁵ Pedro CALVO, O.P., *Homilias...*, ed. cit., I, 431 - 432.

⁷⁶ Fr. Pedro remete precisamente para *Concil. Trid. Ses. 22 decreto de observ.*, mas havemos de confessar que, utilizando o texto oferecido em *Conciliorum oecumenicorum decreta* (ed. preparada por Josepho Alberigo et alii), Bologna, 1973, não conseguimos localizar essa referência.

⁷⁷ Pedro CALVO, O.P., *Homilias...*, ed. cit., I, 432.

maquineta com imagens devotas⁷⁸ – independente do espaço envolvente – assim o lembra Pedro Calvo – e a ser considerado, antes de mais, não só uma comodidade – nele se celebrava o culto divino nos dias de preceito, dispensando a ida à igreja comunitária –, mas também, ao parecer, um sinal mais a juntar aos muitos já tradicionais do estatuto social nobre⁷⁹ – e, como indicam os dois dominicanos – Fr. Pedro Calvo e Fr. Diogo de Azambuja –, um privilégio que contribuía para a perda do sentido da vida comunitária centrada na paróquia. Assim, sem violência, poderão – só por prudência escrevemos poderão em lugar de deverão – interpretar-se as críticas do pregador e do exegeta. Na paróquia urbana, antes de mais? Assim o parece igualmente sugerir Fr. Pedro Calvo. Simples e profiláticos exageros parenéticos? Não sabemos, mas a sociologia histórica religiosa, ponderando o fenómeno, poderia tentar encontrar algumas respostas. Na Bolonha do cardeal Gabriele Paleoti (1566-1597), por exemplo, – portanto pelas mesmas datas das críticas dos autores portugueses –, sabemos que as igrejas dos regulares – essas igrejas que durante séculos foram os seus principais pontos de referência da vida religiosa – eram de longe mais frequentadas que as paroquiais⁸⁰... De qualquer modo e qualquer tenha sido, em Portugal, a extensão dessa realidade criticada pelos dois dominicanos, será sempre interessante anotar que, pelas mesmas datas, um franciscano arrábido, Fr. Rodrigo de Deus, nos seus *Motivos Espirituais* publicados em 1611 (Lisboa)⁸¹, mas dos quais, munidos de aprovação inquisitorial, corriam, manuscritos, já à volta de 1600, «alguns sumários», refere que «muytas pessoas illustres que tem capellães, para em seus oratorios lhes dizerem missa, porque além de se servirem delles em ministerios que não convém nem dizem bem com a dignidade sacerdotal, os fazem ordinariamente sem algum respeyto, estar esperando até o meyo dia e muytas vezes até mais tarde, que elles se levantem da cama para lhes dizerem missa e esta querem que seja muito de corrida. E para hirem caçar por geadas e frios, e outras cousas de seus appetites madrugão

⁷⁸ O recurso aos documentos literários assim o permite sugerir, pois, já pelos fins do século XVII, Fr. António do ROSÁRIO, franciscano missionário no Brasil, na sua *Feira Mystica, armada em hũa trezena do divino portuguez, Santo Antonio...*, Lisboa, 1691, 79 escreve: «Não passemos daqui sem ver, e reparar naquelle oratorio, que se está a vender com ricas, e devotas imagens, se poderá haver vaidade em obra tão santa...». Agradeço ao meu colega Dr. Pedro Tavares a gentileza de me ter assinalado este precioso testemunho.

⁷⁹ Antonio DOMINGUEZ ORTIZ, *La sociedad española en el siglo XVII* - I, 279.

⁸⁰ Paolo PRODI, *Lineamenti della organizzazione diocesana in Bologna durante l'episcopato del card. Gabriele Paleoti (1566-1597)* in *Problemi di vita religiosa in Italia del Cinquecento*, Padova, 1960, 353, em que apontava quanto pouco eram frequentadas as paróquias... em favor das igrejas dos regulares que durante séculos davam os seus pontos de referência da sua vida religiosa, especialmente na sua vertente devocional.

⁸¹ Luis de Sá FARDILHA, *D. Manuel de Portugal, leitor de Fr. Rodrigo de Deus, O. F. M.* in *Via Spiritus*, 4 (1997), 57-79 (63).

ante manhã e não perdem ponto... Mas que diremos, se estando muytas vezes o capelão celebrando no Oratorio alguns dos principaes da casa (que tem obrigação de dar bom exemplo aos de sua familia) se estão preguiçosamente no leyto, sem se quererem levantar para hirem assistir a tão alto sacrificio...»⁸². As críticas do arrábido português dir-se-iam uma confirmação desenvolvida das que faziam os dois dominicanos, se não soubessemos que nelas ecoam algumas das que traz o cartuxo António de Molina na sua *Instrucción de Sacerdotes* (Burgos, 1608)⁸³ e que já no *Diálogo de las Transformaciones* cujo autor M. Bataillon definiu como «un espíritu penetrado de erasmismo»⁸⁴, igualmente se criticam os cortesãos que, «porque se fueran acostar quando quería amanecer, luego mandan que esté aparejado un asalariado sacerdote que muy apriesa sacrifique a Dios junto a su cama a la hora de medio día...»⁸⁵. Como através dos tópicos transparece sempre alguma realidade – ou, melhor, talvez, uma perspectiva da realidade -, neste caso a comodidade é o traço que parece unir os senhores dos fins da primeira metade de Quinhentos aos dos fins do século..., conclusão a que, por outras vias, também se pode chegar e que, como vimos, era uma boa razão para ter, acessível e imediato, um lugar de recolhimento e oração... Criticável apenas o desvirtuamento e esvaziamento deste sentido dessa comodidade... Foi o que foi acontecendo? Necessitamos de mais e, principalmente, de mais variados testemunhos.

José Adriano de Freitas Carvalho

Abstract:

Several literary testimonies (particularly spiritual works) from the late 15th century to the end of the 16th century were the basis for this study in which the author seeks to establish the traditions associated to the oratory as a private and reclusive space for prayer. According to those testimonies the number of oratories increased significantly during that period, and, according to other testimonies, particularly from preachers and moralists, this situation led to serious misuses of those spaces. Simultaneously, there was an attempt to establish their function, as places of prayer and penitence, as well as how they should be decorated.

⁸² Fr. Rodrigo de DEUS, *Motivos Espirituaes*, Lisboa, Francisco Xavier de Andrade, 1723, 52.

⁸³ Antonio de MOLINA, *Instrucciones sacerdotales*, III, 13, 14 (ed. de *Instrucción de sacerdotes*, preparada por Jesús Rios, O.P.), Salamanca, 1963, II, 141-149.

⁸⁴ Marcel Bataillon, *Erasmus y España*, México, 1966, 667-668.

⁸⁵ Cristóbal de Villalón, *Diálogo que trata de las Transformaciones de Pitágoras...*, Madrid, 1931 (N.B.A.E., 7. Orígenes de la Novela, II, 2), VIII, 129.